

# RESISTÊNCIAS E RECIPROCIDADES NO SUL DE PORTUGAL

Emma Pires \*

*Quando alguém pergunta ‘estás a rir de quê?’, espera sempre que quem responde reconheça que não há motivo para rir. (...) Quem ri mais: os pobres ou os ricos? Os pobres, claro. Precisamente por não terem motivo.*

*O escritor Gonçalo M. Tavares comparou a vida a uma queda. A metáfora não é nova, mas ele foi específico: estamos todos a cair de um 40º andar. (...) Nesse processo, de nada adianta sermos fortes inteligentes ou belos. (...) Mas a capacidade de fazer rir, não sendo capaz de evitar a queda, torna o percurso menos difícil.*

Ricardo Araújo Pereira (2020:45-46).

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Este texto explora como os residentes de Monte da Pedra, uma freguesia rural do concelho do Crato (distrito de Portalegre, no Sul de Portugal),

---

\* Universidade de Évora e Instituto de História Contemporânea - NOVA FCSH

<sup>1</sup> Este texto, inédito em língua portuguesa, é uma versão reduzida (parcialmente sobreponível) e adaptada do capítulo “Recuperative modes of action: Reciprocity, dependence and resistance to austerity policies in Rural Portugal”, Francisco Martinez (Ed.) *Politics of Recuperation: Repair and Recovery in Post-Crisis Portugal*, London, Bloomsbury:37-53. Os nomes reais dos/as participantes que colabora(ram) na investigação foram substituídos por nomes fictícios (estes, por sua vez, foram escolhidos a partir de listas de nomes mais antigos, consultáveis nos registos paroquiais da localidade em análise).

resistiram (e continuam a resistir) ao contexto de medidas de austeridade no país durante os anos da Troika e na actualidade. Em concreto, o texto explora processos de resistência quotidiana que se dão, de modo aparentemente invisível<sup>1</sup>, em espaços rurais classificados como longínquos face às centralidades (urbanas, mediáticas, turísticas) da contemporaneidade neoliberal. Com base em pesquisa etnográfica realizada no sul de Portugal, argumenta-se que em lugares aparentemente mais remotos encontramos (entre mulheres e homens) modalidades de acção colectiva que configuram micro-tecnologias de subversão, formas auto-construídas de solidariedade, de resistência quotidiana à presente ordem neoliberal do capitalismo, como o recurso ao humor e esquemas colaborativos de reciprocidade vicinal. Com vista a ilustrar o presente argumento, apresentam-se cinco vinhetas etnográficas.

Os dados da etnografia demonstram que as estratégias de resistência dos residentes foram direccionadas para um aumento da prática de reciprocidade, em face do quadro de constrangimentos do tempo presente.

A construção de relações sociais de tipo recíproco é uma marca distintiva em muitos grupos humanos. No estudo antropológico de Brian O'Neill (1978) na aldeia transmontana de Fontelas, analisam-se formas de reciprocidade e identifica-se uma forma concreta, localmente institucionalizada: a torneira<sup>2</sup>. Brian O'Neill, evocando, Maurice Bloch (1973), anota ainda como os cooperantes actuam dentro e fora das suas respectivas famílias, em processos de reciprocidade e entreajuda que configuram vínculos cooperativos de 'curto prazo', e de 'longo prazo' (O'Neill, 1984:182). Apesar de localizada fora do contexto geográfico e temporal da presente análise, o exemplo de O'Neill tem pertinência para explicitar como as dinâmicas sociais da reciprocidade interrompem pontualmente, pela sua relação diádica, processos mais amplos de desigualdade social. No contexto empírico em análise ao longo do presente texto, argumenta-se que as dinâmicas locais de reciprocidade têm sido reconfiguradas de vários modos, nomeadamente, através de um aumento percebido na circulação e troca de alguns

---

<sup>2</sup> Segundo o autor, "A essência do sistema de torneiras (...) reside no carácter das trocas (...) que são efectuadas com os outros vizinhos. (...) A torneira porém constitui um intercâmbio estrito do trabalho de uma pessoa pelo de outra. Os cooperantes habituais mantêm trocas constantes de tarefas agrícolas (e também festivas) que sugerem a 'reciprocidade generalizada' referida por Sahlins (1965)" (O'Neill, 1984:182).

itens (roupas e alimentos, entre outros). A pesquisa etnográfica que enquadra a presente investigação foi conduzida, intensivamente, entre Maio de 2012 e Junho de 2013, e de um modo extensivo, desde então.

Segundo Cândido de Figueiredo, a reciprocidade é definível etimologicamente como “qualidade do que é recíproco; mutualidade” (Figueiredo, 1996: 2156). De igual modo, o mesmo autor apresenta diferentes acepções da forma verbal “Reciprocicar: 1) tornar recíproco; mutuar; 2) Dar e receber em troca; Compensar” (Figueiredo, 1996: 2156).

O mesmo dicionário supracitado define do seguinte modo o substantivo feminino “Resistência: 1) Acto ou efeito de resistir; 2) força, ou qualidade, de um corpo, que anula os efeitos de outra força ou de outro corpo; 3) Obstáculo; 4) Reacção; 5) Oposição; 6) Luta em defesa; defesa”. (Figueiredo, 1996:2198). Complementarmente, o mesmo dicionário fixa do seguinte modo o verbo “Resistir: 1) opor-se, não ceder; fazer resistência; 2) Defender-se; 3) Recusar-se; 4) Subsistir, durar;” (Figueiredo, 1996:2198). Esta última acepção do verbo resistir é ilustrada no contexto de análise em estudo. Como nos lembra Fiona Wright,

Seeing resistance as one element in a complex system of power relations, anthropologists have sought to describe and explain acts of resistance within the rich social, cultural, and economic fabrics in which they take place” (Wright, 2016: sp).

Para esse efeito, partindo do campo da antropologia, apresenta-se, na próxima secção, após contextualização do local de recolha de dados, traça-se ainda um conjunto de cinco vinhetas etnográficas, com o propósito de ilustrar nuances do tecido social de resistências quotidianas observadas.

## MONTE DA PEDRA

O Monte da Pedra<sup>3</sup> é uma das freguesias rurais do Crato, no distrito de Portalegre (Norte Alentejo). À semelhança do sucedido em muitos outros lugares, no Monte da Pedra o êxodo rural é parte do processo de continuidade sociocultural, e muitos dos seus jovens migraram (nos anos 1950-1960) para a cintura industrial de Lisboa ou para o Entroncamento (onde trabalha(ra)m, como operários, na ferrovia). A aldeia, atravessada pela Ribeira de Sor, é paisagisticamente caracterizada por terras de Montado (de sobre e azinho) e por Eucaliptais (pertencentes a uma empresa de pasta de papel). A estrutura sociodemográfica da localidade segue o padrão de despovoamento que caracteriza outras áreas rurais da Europa do Sul. De acordo com dados recolhidos na Junta de freguesia de Monte da Pedra (Pires, 2020), a localidade tem 260 residentes, 70% dos quais são reformados. Doze residentes recebem subsídios como agricultores, uma família subsiste com recurso a subsídios estatais (*Rendimento Social de Inserção*), e uma pessoa recebe refeições solidárias. Na aldeia existe um Centro de Dia (dependente da Santa Casa da Misericórdia do Crato, que cuida dos cidadãos mais velhos ou inválidos e dá emprego a 9 pessoas); existe ainda um Clube de Caça e Pesca; uma Associação Cultural dedicada à produção de bordados e costura (dinamizado por mulheres anciãs); uma escola encerrada (transformada em posto médico, que funciona 1 vez por semana); um posto de farmácia, uma mercearia e dois cafés, onde grande parte da vida social acontece.

---

<sup>3</sup> Uma descrição consultável na Enciclopédia Luso-Brasileira, refere-se ao Monte da Pedra do seguinte modo: “Freg. do concelho do Crato, comarca de Nisa, distrito e diocese de Portalegre (...), orago N<sup>ra</sup> Sr<sup>a</sup> Conceição. Pop. 754 hab., em 267 fogos. Dista 15 km da sede de concelho e está situada na margem esquerda da ribeira do Sor. Tem serviço de correio, feito pela estação postal de Crato, escola primária e fábrica de laticínios. Produz azeite, cereais, cortiças, gados e tem uma indústria de carnes fumadas. Tem uma nascente de águas sulfurosas, aplicadas no tratamento de reumatismos. São exploradas pela Câmara Municipal do Crato. Foi uma reitoria ou priorado da apresentação do grão-prior do Crato. Esteve anexada, para efeitos administrativos, à freguesia de aldeia da Mata (...). Compreende os lugares de Estação da Cunheira e Sume” (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, s/d:717).

## VINHETA #1: SOCIABILIDADES DE CAFÉ

Manuel Baptista é o proprietário e único funcionário do Café Boavista, localizado na rua com o mesmo nome. Nascido em Montalvão (Nisa) em 1959, gere o estabelecimento há 19 anos. Vive com a sua mulher na freguesia de Gáfete (localizada a 8 km da aldeia). As paredes do seu café são revestidas com fotografias de pessoas amigas e clientes e com cachecóis de clubes de futebol de várias partes do país e do mundo, com especial relevo para o clube *Sport Lisboa e Benfica*. Elementos que identificam o espaço como de sociabilidades e petiscos múltiplos em torno da identidade local e da *afición* futebolística. O seu café é apropriado por mulheres e homens em diferentes momentos do dia, e da semana. Nos horários dos jogos de futebol (que passam na TV em canais codificados pagos por Manuel) os homens enchem o café. Antes de almoço e ao fim do dia, também a ocupação é maioritariamente masculina. As mulheres habitam o espaço durante os inícios das manhãs e inícios das tardes. Maioritariamente, são frequentadoras deste espaço motivadas pelo convívio, e pela oportunidade para beber café, sumo ou chá, e comprar rebuçados. Ao contrário dos homens, geralmente não bebem bebidas alcoólicas em público. Importa sublinhar que, no Monte da Pedra, as mulheres só a partir das décadas de 1980 e 1990 começaram a frequentar regularmente os cafés, enquanto espaços públicos de sociabilidade. Primeiramente, só as mais novas e solteiras iam aos cafés. Só mais tarde as mulheres mais velhas, casadas ou viúvas, passaram a frequentar estes espaços enquanto indivíduos, sem a companhia de familiares.

*Belina* é uma destas mulheres. Com 85 anos (celebrados em 22 de Dezembro) é mãe de dois filhos que moram na região de Lisboa. Ela própria, que actualmente é moradora na Rua da Boavista, viveu na Brandoa durante mais de 40 anos, tendo regressado à terra natal com o marido depois da reforma. Gosta de cuidar das suas galinhas, cujos ovos redistribui entre os familiares e vizinhas. Belina ficou viúva em Abril 2020, num tempo pandémico que impossibilitou que se despedisse do marido como gostaria de o ter feito. A frequência matinal do café Boavista é um hábito de convívio regular desta mulher.



IMAGEM 1 Tia Belina, sentada a tomar o pequeno almoço numa das mesas do Café Boavista. Autora: Ema Pires (2021).

Belina e as amigas que regularmente se encontram no café assumem o espaço como um dos seus lugares para passar o tempo, de sociabilidade, identitário, e um espaço de informação para saber notícias de perto e de longe. Muitas dinâmicas de circulação de produtos na Rua

da Boavista e área adjacente incluem reciprocidades em torno de produtos alimentares. Concretamente, circulação de ovos e produtos hortícolas ocorre nesta rua entre os residentes idosos e várias outras casas. Ao todo, identificámos 4 casas a partir das quais se colocam a circular ovos e produtos hortícolas, por intermédio de mulheres. Destas 4 casas, apenas uma faz com regularidade venda de ovos. As restantes, como a casa de Belina, oferecem os ovos aos familiares e amigos, recebendo em troca cuidado, atenção, boleias e outros aspectos do quotidiano valorizados como parte de mecanismos de reciprocidade interpessoal.

#### VINHETA #2: OUTRAS RUAS, OUTRAS RECIPROCIDADES

Noutras ruas da aldeia, como por exemplo na Rua da Fonte Nova, são visíveis outras reciprocidades em torno do cuidar e da entreaajuda. Os sons dos vizinhos na rua batendo às portas e/ou janelas dos vizinhos estão entre os primeiros que se ouvem pela manhã. Aqui vivem três vizinhos entre os quais é notório o cuidado recíproco que têm entre si: *Miguel*, 80 anos, trabalhador rural reformado; *Antero*, 77 anos (trabalhador rural reformado), *José*, 97 anos, ferroviário reformado). Miguel e José são viúvos e Antero é solteiro. São vizinhos há várias décadas, com casas localizadas em linha contígua ao longo da rua. Os sons da aldeia pela manhã trazem pássaros e as vozes destes vizinhos que comunicam para dar sinal de vida uns aos outros. São os que ficaram, os que sobreviveram ao tempo. São todos velhos, e vivem sós. Aquecem-se afectivamente entre si com as palavras que trocam pela manhã e que lhes acalentam a existência no desfiar dos dias.

Vários outros exemplos, de entreaajuda e cuidado quotidiano entre vizinhos, são observáveis localmente. Na extremidade norte da aldeia, está localizada a Rua Diamantino Velez Casaca, (esta rua foi nomeada em memória de um jovem natural da terra que faleceu, em combate, na guerra colonial). Entre as moradoras desta rua encontramos Paula e Ana, vizinhas e cunhadas que vivem com os respectivos maridos. Paula, 77 anos, nasceu na aldeia e migrou para Póvoa de Santa Iria ainda solteira; ali viveu até à reforma, altura em que veio com o marido para a casa da família cuidar da sua mãe. A sua cunhada, mais nova, veio também acompanhar o marido, irmão de Paula, e ficou a residir numa outra casa localizada na mesma rua. Estas duas mulheres, ambas ex-residentes na

região de Lisboa e moradoras na aldeia aquando da reforma, dedicam o tempo livre a um cuidado recíproco com os outros vizinhos, mais velhos do que elas, os quais vivem sozinhos. A actividade destas mulheres enquanto ‘provedoras de bem-estar’ é ainda extensível a uma população flutuante de gatos de rua, que alimentam regularmente. A rua é ladeada por uma represa por onde passa o caudal da Ribeira de Sor, que atravessa a aldeia e que em meses de chuva se transforma num abundante espelho de água (que quase parece uma praia). Os animais alimentados pelas duas cunhadas apropriam este espaço como o seu *playground*.

### VINHETA #3: POUPAR PARA O GARRAFÃO

Josefina, de 74 anos, nascida e criada no Monte da Pedra, é mãe de dois filhos solteiros, que vivem na sua casa. Toda a vida trabalhou no campo, até que um acidente de trabalho lhe provocou uma lesão irreversível no ombro e a enviou para casa. Com a indemnização que recebeu da Companhia de Seguros, Josefina, que já estava habituada a poupar, intensificou as suas práticas de aforro. Esta mulher tem sido proficiente toda a vida a gerir a escassez, uma vez que a sua família era uma das mais pobres da aldeia. Há mais de uma década que Joaquina se habituou a poupar algumas moedas para dentro de um garrafão de água de plástico. Esta prática teve início mesmo antes da crise de 2009-2015. O esquema de poupança é colaborativo: juntamente com outras pessoas, Josefina acorda em colocar num garrafão vazio de cinco litros de água, com regularidade semanal, um valor fixo em dinheiro, geralmente uma moeda de um ou dois euros. A poupança do garrafão é dividida e redistribuída equitativamente pelos participantes quando o garrafão fica cheio. Nesse dia, Josefina abre o garrafão, na presença dos outros aforradores, apanha e divide todo o dinheiro pelos participantes. Josefina tem dois esquemas de poupança deste tipo: um com as vizinhas da sua rua, outro com os filhos. Caso algum(a) dos(as) aforradores(as) necessite do dinheiro para alguma emergência imprevista, a abertura da poupança pode ser feita antes do final do enchimento do garrafão, e neste caso o dinheiro é redistribuído entre os(as) aforradores(as), encerrando-se aquele ciclo de poupança.

Como podemos observar no caso de Josefina, a materialidade do garrafão é um aspecto tangível de uma das redes de relações económicas

e sociais que foram intensificadas durante os anos da troika. Este esquema desvenda aspectos relativamente invisíveis de como as pessoas participam em iniciativas que incrementam os laços sociais fora das lógicas do mercado através de esquemas que aumentam a reciprocidade e a dependência; por outro lado, também alicerçam laços intergeracionais entre familiares e membros do grupo local. Um processo comparável ao que se descreve na próxima situação de reciprocidade.

#### VINHETA #4: CIRCULAÇÃO DE ROUPAS DE CRIANÇA

Na presente descrição, fruto de recolha etnográfica realizada em Dezembro de 2020, demonstra-se como se operam na aldeia fluxos de circulação de roupas infantis. No caso de artigos de vestuário, observamos que as roupas circulam entre mulheres que são incluídas por outras já participantes da rede, as quais estão situadas – maioritariamente, mas não exclusivamente – dentro da mesma família extensa e/ou integrando uma mesma rede de sociabilidade ou vizinhança.

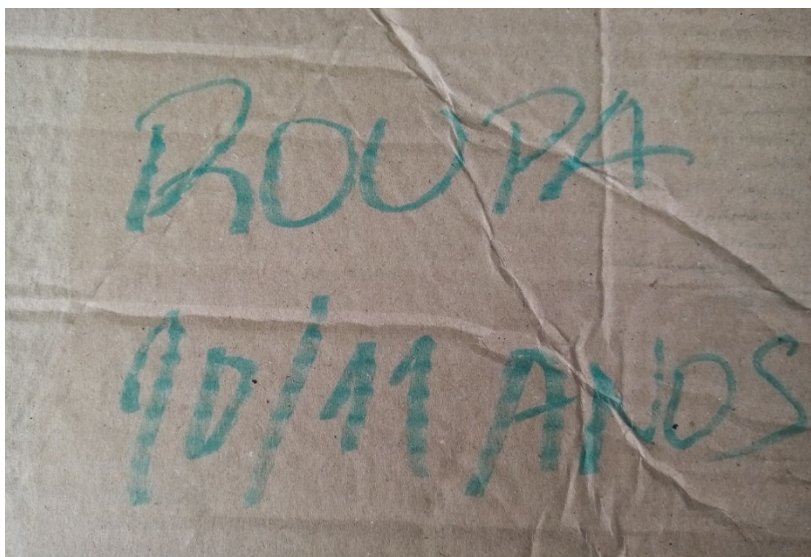


IMAGEM 2 “Roupa 10/11 Anos” - Pormenor de uma das caixas de papelão inscrita por Sandra, para armazenamento e (posterior transporte) da roupa cujo tamanho já não serve às suas filhas. Autor: Ema Pires (2020).

Na situação que se descreve infra, verifica-se que as seis mulheres participantes na rede têm em comum laços de pertença à localidade de Monte da Pedra, mas apenas três são residentes efectivas na freguesia:

*Sandra*, residente no Carregado, é mãe de duas filhas adolescentes. Cresceu na freguesia e migrou para a região de Lisboa e Vale do Tejo, onde trabalha como contabilista. É a cabeça e ponto de origem da rede de circulação de roupas. Sandra etiqueta, arquiva e transporta para a casa dos pais as roupas que deixam de servir às suas filhas, a partir de onde serão depois redistribuídas.

*Ana*. Irmã mais nova de Sandra, reside na freguesia, onde também trabalha, como administrativa, numa instituição pública. Tem uma filha de 4 anos. Ana redistribui entre as suas amigas/vizinhas as roupas que a irmã transporta para casa dos pais.

*Isaura*, auxiliar de geriatria no Centro de Dia da freguesia, é uma das destinatárias das roupas. Vizinha de Ana, é mãe de uma menina de 11 anos e de um menino de 4.

*Eliana*. Amiga de Ana, cresceu no Entroncamento mas tem origens familiares na aldeia. Trabalha como professora, reside no Monte da Pedra, e no seu agregado familiar existe uma adolescente de 12 anos.

*Renata C.* é mãe de duas crianças (um menino e uma menina). É residente no Entroncamento e tem origens familiares na freguesia de Monte da Pedra. Depois de as roupas serem usadas pelas crianças do Monte da Pedra, elas são reenviadas para a sua casa, para serem usadas pela filha desta.

*Renata M.* É mãe da menina em idade pré-escolar, a mais nova do circuito de circulação de roupas. Estas mulheres, residentes no Entroncamento com as suas famílias respectivas, não são parentes directas, mas ambas pertencem, por via dos seus avós paternos, a uma parentela com origens familiares na freguesia. As roupas das filhas de Susana, originariamente adquiridas na região de Lisboa/Carregado, viajam primeiro para o Alentejo e de lá para o Ribatejo por intermédio das redes de familiares e amigos. Finalmente, o ciclo de circulação de roupas encerra, provisoriamente, no Entroncamento, na casa de *Renata C.* e de *Renata M.* Em síntese, através da circulação de produtos de vestuário infantil, as mulheres desta rede reciprocam laços, evitam dinâmicas de consumo monetário, prolongam e reciclam materiais que, de outro modo, teriam um tempo de uso mais curto.

#### VINHETA #5: UM CÊNTIMO PARA O PRESIDENTE

Como referido num outro lugar (Pires, 2020), durante os anos da troika, por ocasião do corte de salários e reformas impostos aos cidadãos, o então Presidente da República (Aníbal Cavaco Silva) queixou-se na TV que, à semelhança das pensões de muitos portugueses, também a sua tinha sido cortada. Em reacção a esta afirmação, alguns frequentadores do café Boavista tiveram a ideia de iniciar uma subscrição pública para ajudar o político: o donativo de um cêntimo, simbolicamente, seria dado por cada frequentador do café. Este exemplo anedótico lembra-nos que o humor e a ironia são ponderosas ‘armas dos fracos’ (evocando o célebre título de James C. Scott), acções colectivas de resistência simbólica em tempos de precariedade e vulnerabilidade. Portanto, no contexto em análise, os residentes não aceitaram a austeridade como um mal necessário e em contraponto enunciaram um gesto irónico contra o Presidente. Este gesto também revela, os modos subtis que as pessoas que vivem em condições de precariedade têm para com os seus governantes.

## SÍNTESE (IN)CONCLUSIVA:

Na crónica “Estás a rir de quê?”, cujo fragmento se apresenta na epígrafe que abre o presente texto, Ricardo Araújo Pereira lembra-nos como o riso dos pobres, e a capacidade “de fazer rir, não sendo capaz de evitar a queda, torna o percurso menos difícil” (Pereira, 2020:45-46). Numa perspetiva etnográfica, se considerarmos os efeitos da ‘crise’ no quotidiano dos residentes de Monte da Pedra, encontramos heterogeneidade nas percepções das pessoas, uma diversidade que varia em função do grupo de idade e estilo de vida de cada informante. Entre os informantes mais velhos (com mais de 75-80 anos) a memória de outros tempos de crise faz relativizar o presente face à sua experiência de vida em tempos pretéritos de escassez. De acordo com os residentes mais velhos, a crise “vai e vem”. Os residentes mais novos da freguesia (na ausência de uma escala temporal mais ampla, e com práticas de consumo mais fortes) pensam que a crise tem destruído as suas vidas em vários modos predominantes. O desemprego e aumento do custo de vida são os dois principais impactos identificados por eles. Os dados da etnografia recolhidos (Pires, 2020) demonstram que as estratégias das mulheres e homens residentes são direcionadas para um aumento da prática de reciprocidade, em face do quadro de constrangimentos das conjunturas neoliberais dos tempos recentes.

Em Monte da Pedra, as dinâmicas locais de reciprocidade têm sido reconfiguradas de vários modos, nomeadamente, através de um aumento percepcionado na circulação e troca de alguns itens (dinheiro, roupa, comida, favores, etc.). É particularmente visível a redistribuição de produtos localmente considerados (como por exemplo, ovos, dinheiro e roupas). Por último, o uso do humor e da ironia, na construção de piadas como as que um grupo de residentes dirigiu a um Presidente de República, são ‘armas’ nada negligenciáveis de resistência simbólica face às lógicas de dominação dos tempos que vivemos.

Paula Godinho lembra-nos que “Enquanto humanidade, só construimos se tivermos esperança: quando o futuro se encara como aspiração legítima de mudança para uma vida melhor, tal dá forças para o atrevimento de tentar o que não se logrou ainda” (Godinho, 2021:9). Raúl Contreras, no seu estudo antropológico na localidade de El Boxo, Valle del Mezquital (México) convida-nos à compreensão empática dos “sueños humildes” das pessoas, entendendo-os como “aquele modelo local de futuro imaginado, emergente de las conversaciones diversas e

históricamente situadas que construyen el sentido común y que posibilitan a las personas imaginar otras vidas posibles y comprometerse con ellas desde el punto de vista de las prácticas presentes” (Contreras, 2021:198). Este autor sublinha que “Los sueños humildes emergen también de la capacidad reflexiva de las personas ante la evaluación de sus circunstancias” (Contreras, 2021:199). Não obstante a sua distância do contexto dos migrantes de El Boxo, as práticas de resistência quotidiana observadas no sul de Portugal expressam modos alternativos de dar voz aos *sonhos humildes* dos seus participantes. Numa tessitura feita do presente em redes de reciprocidades que acomodam laços (tecidos no passado), caminhos (trilhados no presente) e sonhos conjuntos de futuro. Um futuro que, como lembra Paula Godinho (2017), é para sempre.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BLOCH, Maurice, 1973, “The Long Term and the Short Term: The Economic and Political Significance of the Morality of Kinship”, Jack Goody (Org.), *The Character of Kinship.*, Cambridge, Cambridge University Press:75-87.
- CONTRERAS, Raúl, 2021, “Para una antropología de los sueños humildes. Elementos para trascender el presente etnográfico” *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v.13, n.24:178-207.
- GODINHO, Paula, 2017, *O futuro é para sempre – Experiência, expectativa e práticas possíveis*, Lisboa/Santiago de Compostela, Letra Livre/Através Editora.
- GODINHO, Paula, 2021, “Usos do tempo, entre passado e porvir: uma introdução”, *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v.13, n.24, Jan/Jul.2021:1-10.
- PIRES, Ema, 2020, “Recuperative modes of action: Reciprocity, dependence and resistance to austerity policies in Rural Portugal”, Francisco Martinez (Ed.) *Politics of Recuperation: Repair and Recovery in Post-Crisis Portugal*, London, Bloomsbury:37-53.
- O’NEILL, Brian, 1984, *Proprietários, Lavradores e Jornaleiras (Desigualdade Social numa Aldeia Transmontana, 1870-1978)*. Lisboa, Publicações D. Quixote.
- PEREIRA, Ricardo Araújo, 2020, *Idiotas Úteis e Inúteis*, Lisboa, Tintada-China, ISBN:978-989-671-580-9.
- SAHLINS, Marshall, 2017 (1972), “On the Sociology of Primitive Exchange”, *Stone Age Economics*, London, Routledge:168-257.
- SCOTT, James C., 1985, *Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*, New Haven, Yale University Press, 389pp.

WRIGHT, Fiona, 2016, “Resistance”, Cambridge Encyclopedia, University of Cambridge, <https://www.anthroencyclopedia.com/entry/resistance> (acesso em 16 Novembro, 2020), DOI: <http://doi.org/10.29164/16resistance>

#### OUTROS DOCUMENTOS:

“Monte da Pedra”, s/d, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Editorial Enciclopédia, Lda., Tomo 17, Lisboa/Rio de Janeiro:707.